

Adolescentes e religiosidade: aportes para o Ensino Religioso na escola

Gisela I. W. Streck*

Resumo: O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com adolescentes. O objetivo foi compreender a religiosidade nesta fase da vida. A partir da fala de alunos e alunas, a pesquisa mostrou que as imagens antropomórficas do Deus da infância são trazidas para a adolescência. Os conceitos sobre Deus são definidos a partir daquilo que aprenderam e ouviram falar na sua família, na sua comunidade de fé, no seu meio social.

A pesquisa também mostrou que adolescentes começam a duvidar sobre aquilo que até então representava certeza e segurança. A partir do conflito, a autoridade externa em pessoas e instituições é posta em dúvida. Inicia-se uma mudança na forma de imaginar Deus: a figura antropomórfica dá lugar a imagens indefinidas e abstratas. Adolescentes começam a questionar e duvidar: o sistema de valores, de vida e de fé é agora objetivado e examinado. Adolescentes necessitam de um espaço protegido na sua família, na escola, na sua comunidade, para poderem dialogar sem sofrer preconceitos ou pré-julgamentos. Necessitam duvidar e perguntar, compartilhar suas experiências, medos e anseios, seus planos e projetos de vida. Adolescentes precisam de um espaço para poder falar, ouvir e receber orientação para as perguntas sobre o sentido da vida.

Resumen: El artículo presenta los resultados de una investigación realizada con adolescentes. El objetivo fue comprender la religiosidad en esta fase de la vida. A partir de lo expresado por alumnos y alumnas, la pesquisa mostró que las imágenes antropomórficas de Dios de la infancia son traídas para la adolescencia. Los conceptos sobre Dios son definidos a partir de aquello que aprendieron y oyeron hablar en su familia, en su comunidad de fe, en su medio social.

La pesquisa también mostró que los adolescentes comienzan a dudar sobre aquello que hasta entonces representaba certeza y seguridad. A partir del conflicto, la autoridad externa en personas e instituciones es puesta en duda. Se inicia un cambio en la forma de imaginar a Dios: la figura antropomórfica da lugar a imágenes indefinidas y abstractas. Adolescentes comienzan a cuestionar y dudar: el sistema de valores, de vida y de fe es ahora objetivado y examinado.

* Prof^ª. Dr^ª. Gisela I. W. Streck é professora de Educação na Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo, RS.

Adolescentes necesitan de un espacio protegido en su familia, en la escuela, en su comunidad, para poder dialogar sin sufrir preconceptos o pre-juzgamientos. Necesitan dudar y preguntar, compartir sus experiencias, miedos y ansias, sus planes y proyectos de vida. Adolescentes precisan de un espacio para poder hablar, oír y recibir orientación para las preguntas sobre el sentido de la vida.

Abstract: The article presents the results of a research project carried out with adolescents. The goal was to comprehend the religiosity of this phase of life. Based on the student's talk the research showed that the anthropomorphic images of God from infancy are brought into the adolescent phase. The concepts of God are defined based on what they learned and heard in their family, in their community of faith and in their social milieu.

The research also showed that adolescents begin to doubt that which up to this point had represented certainty and security. Starting with conflict the external authority of persons and institutions is put into question. A change in the way of imagining God begins to take place: the anthropomorphic figure gives way to undefined and abstract images. Adolescents begin to question and doubt: the system of values, of life and of faith becomes objectified and is examined. Adolescents need a protected space within their family, the school, the community to be able to dialog without suffering prejudice or pre-judgements. They need to be able to doubt and to question, to share their experiences, their fears, their anxieties, their life plans and projects. Adolescents need a space where they can talk, listen and receive orientations on the questions about the meaning of life.

Em junho de 1999, foi realizada uma pesquisa entre alunos e alunas adolescentes, em três escolas confessionais luteranas da IECLB. A pesquisa¹ *Adolescentes e ensino religioso – em escolas confessionais luteranas da IECLB* teve como objetivo “compreender a religiosidade de alunos e alunas adolescentes”, possibilitando-lhes falar sobre suas experiências e expressar as suas convicções religiosas. A intenção foi dar espaço para que alunos e alunas falassem a respeito de temas como Deus, sobre acreditar ou não em Deus. As perguntas que constam no questionário foram: Deus é...; acredito em Deus, porque...; não acredito em Deus, porque...; como você imagina Deus? Os dados a seguir são parte desta pesquisa.

Adolescentes falam de Deus

Adolescentes falam de Deus como sendo um **ser todo-poderoso**. Deus é um ser maior que observa e julga tudo: *Deus “é a pessoa maior, superior, mais importante da terra”*. O Deus todo-poderoso tem uma relação com o ser humano, num primeiro momento, por causa de sua criação: ele é “*um ser divino que criou tudo*”, o “*criador de onde viemos*”. Este Deus todo-poderoso **criador** inspira respeito: “*Deus é o chefão, onipotente, onisciente, onipresente, eterno e bondoso, o criador que viveu há muito tempo atrás, morreu, mas vai voltar para nos buscar*”. O Deus criador é um “*anjo que decide a vida das pessoas, pai de Jesus*”, o maior de todos os homens, ele é o “*único capaz de julgar ou condenar alguém*”. Por isso “*devemos respeitá-lo e aprender com ele*”.

O Deus criador também é identificado como o Deus que é **pai** de todos, que cuida e protege. Deus pai tem ainda outras qualidades como companheiro, amigo e conselheiro. Ele é o maior de todos, é luz e esperança. Deus pai é alguém “*que nos conhece*” e como alguém conhecido também é amado: “*Deus é o pai, a pessoa que eu amo*”. O Deus pai está presente na vida e é possível saber o que esperar dele: “*Deus é o pai de todos, ele é maravilhoso, podemos contar com ele para tudo*”. Assim como a mãe e o pai, também Deus tanto pode amar como castigar: “*Deus é o nosso pai que pode tanto nos ajudar, como castigar*”. Deus também é o pai imaginário que protege, ajuda e também castiga a desobediência. Se

¹ Os dados que seguem fazem parte da tese de doutorado e encontram-se em STRECK, Gisela I. W. **Ensino religioso com adolescentes**: em escolas confessionais luteranas da IECLB. 2000. 337 f. Tese (Doutorado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2000.

A fim de permitir uma melhor fluência, a autora optou por não comentar [sic] as falas dos entrevistados e das entrevistadas.

Deus é aquele que julga e castiga, é também amoroso, fiel e misericordioso, é o “*melhor amigo, é bondoso, que dá segurança e carinho*”; “*Deus é tudo, quem perdoa e sabe da verdade*”. “*Deus é amor, um sentimento que dá bondade, consciência de certo ou errado.*”

Na fala de adolescentes é possível perceber a influência das figuras parentais na composição da figura de Deus: Deus é “*o pai, a pessoa que eu amo*”. Imagino Deus como “*uma pessoa boa, disposta a ajudar as pessoas sem pensar*”. Deus é “*o pai de todos, ele é maravilhoso, podemos contar com ele para tudo*”. Imagino Deus como um “*senhor, que é amigo e com muito aprendizado em conhecer os homens*”. Deus é “*o pai de todos*”. Imagino Deus como “*um herói, magnífico*”. Deus é “*amor, paz, misericordioso, bondoso, fiel, enfim tudo o que é bom, pois é nosso pai e que criou tudo*”. Imagino Deus como “*uma pessoa muito carinhosa e amorosa com todas as pessoas*”. Deus é “*um pai imaginário que nos protege*”. Imagino Deus como “*uma pessoa bondosa, amiga [...]*”.

Deus **pai** pode ter também as atribuições do pai ou da mãe: ele também castiga, se enfurece, dá orientação e é fiel. O resultado desta identificação é uma imagem antropomórfica de Deus. Deus é “*tudo, sem ele não poderíamos viver, afinal foi ele que criou tudo, tudo o que somos, e fazemos, tudo é graças a ele: o pai lá de cima*”. Acredito em Deus, porque “*ele me ajuda nas horas difíceis, me castiga quando necessário*”. Imagino Deus como um “*homem muito bondoso, que ajuda a todos quando precisam, alto, magro e barbudo*”. Deus é “*o pai de todos*”. Acredito em Deus, porque “*acho que ele tem o poder de ajudar os que precisam*”. Imagino Deus como “*um homem grande, bonito, calmo e muito bondoso*”. Deus é “*aquilo em que podemos confiar, acreditar, pois sabe o que é certo ou errado para mim*”. Acredito em Deus, porque “*sei que ele nunca vai me trair*”. Imagino Deus como “*uma pessoa, o pai de todos, que guia seus filhos, nós, para o caminho certo*”.

Os motivos para acreditar em Deus têm a ver com a vivência religiosa na família ou na comunidade de fé e falam da influência que estes grupos exercem sobre a pessoa. Adolescentes podem repetir o discurso religioso que ouviram na **comunidade de fé**: “[...], *porque deu sua vida por nós*”, ou “[...], *porque tem poder sobre nós*”, ou ainda “[...], *porque Deus é a verdade e a vida, acredito na sua presença e depósito minha confiança nele*”. “*Acredito em Deus, porque quero a salvação eterna e porque ele cumprirá suas promessas na Bíblia, e em Cristo.*”

A **influência da família** é outro motivo para acreditar em Deus: “*Acredito em Deus porque desde pequena me ensinaram a acreditar nele,*

sempre me disseram que ele é tudo e eu cresci acreditando nisso e acredito até hoje". Os motivos para se acreditar em Deus também podem ser buscados naquilo que adolescentes aprenderam e ouviram de outras pessoas: *"a maioria das pessoas acredita em algo"*, ou *"todas as pessoas necessitam algo em que acreditar"*, ou então *"porque todos tem que ter uma crença na vida"*; *"tem que ter alguém para acreditar senão a vida fica sem sentido"*; ou ainda se busca motivos para acreditar em Deus no mundo, na natureza, na normalidade da vida: *"sem Deus o mundo não existiria, a natureza não seria tão perfeita, as coisas tão certas, o caminho tão traçado; sem ele não haveria rumo na vida, a vida seria uma ilusão, o mundo seria um caos; para muita coisa não há explicação mas para Deus tem"*; ou ainda na própria criação: *"não tenho explicação para várias coisas então acho que Deus criou tudo e deu amor, fez tudo e manda em tudo, ele me criou e criou a vida"*. *"Acredito em Deus porque sem ele o mundo não existiria, a natureza não seria tão sábia [...]."*

A **ajuda de Deus** também é um dos motivos para acreditar nele. Deus é aquele que nunca falta, que ajuda quando precisamos, ele atende as orações e está em todo lugar: *"me ilumina, me faz feliz e é bom"*. As pessoas adolescentes acreditam que Deus ajuda e explicam como isto acontece: *"nas horas difíceis me ajuda a encontrar o caminho certo"*, *"ajuda a alcançar os objetivos"*, *"me ajuda a ser cada vez melhor"*, *"quando estou triste recorro a ele e me acalmo, me faz perder o medo e dá coragem"*. O Deus que ajuda é confiável, porque ele é *"nossa base, fortalecimento"*, *"nos guia e ilumina nossa caminhada"*. Deus se diz presente na vida, porque *"tudo o que peço com fé Deus faz acontecer"*, *"ele sempre atendeu os meus pedidos"*, e ele *"é a pessoa em que podemos confiar nossos segredos"*. *"Acredito em Deus porque ele me ama e me protege de todo o mal e eu confio nele. Ele é supremo."*

As imagens que adolescentes fazem de Deus são, na sua maioria, antropomórficas. Nas descrições é possível perceber o desenvolvimento de uma imagem mais infantil para outra mais pessoal. A imagem do **Deus da infância** continua presente e é descrita ou como um homem velho (mas robusto), um velhinho ou um gigante. As características são típicas do Deus da infância: tem barba e cabelo branco, uma batina *"grandona"* ou uma roupa branca, ele está sentado num trono no céu ou numa nuvem. *"Baixo, moreno, com barba, sentado numa nuvem, nos cuidando."*

A imagem de um **Deus antropomórfico pessoal** retrata as características de pessoas adultas que foram ou são modelos significativos: um

homem, uma pessoa, um ser humano, um pai, um senhor de idade. Os detalhes são muitos e diversificados, retratando as diferentes experiências e os modelos que estão ou estiveram disponíveis na vida de cada pessoa na sua infância. Deus como pessoa pode ser saudável, robusto, baixo, alto, grande, estatura média, ser cabeludo ou meio careca, moreno ou negro; ter cabelos brancos ou castanhos ou compridos, olhos azuis ou cor de mel, pele escura e 30 anos de idade. Deus pode ser uma pessoa normal, um homem como nós ou diferente de nós, um homem comum ou um senhor poderoso, um herói magnífico ou a pessoa mais importante: uma pessoa maravilhosa, grandiosa, iluminada, muito bonita.

As qualidades de Deus com imagem antropomórfica estão baseadas nas experiências e nos relacionamentos que adolescentes tiveram com pessoas adultas: Deus pode ser honesto, uma pessoa amável que respeita a gente como a gente é; pode ser alegre, está sempre rindo, nunca está triste; pode ser uma pessoa amorosa e carinhosa, um sábio, uma pessoa simpática que compreende nossos problemas; uma pessoa simples e humilde, que não se importa com o que tem, mas com o que é; não é egoísta, reparte carinho e dá segurança; pode ser uma pessoa calma, um ser humano sem defeitos, que não guarda rancor; é feliz até certo ponto e infeliz por ver as pessoas se exterminando; tem a face do rosto cansada de ver o sofrimento dos outros; tem o corpo desgastado de tanto nos proteger do mal e de nos pregar a fé; é digno e justo, muito inteligente, sereno, uma pessoa amiga e tem um coração gigante. As ações de Deus também retratam experiências que crianças e jovens fazem com pessoas adultas: Deus é um pai que guia seus filhos no caminho certo, bondoso, mas rigoroso na hora da disciplina; é uma pessoa que sabe perdoar e dar conselhos; mostra o caminho certo, cuida, protege e guia.

Deus pode ser descrito com palavras características da cultura adolescente: *“Deus é um cara tri-legal, amigo, traz solução para meus problemas, enfim, ele nos entende”*. *“Deus é cabeludo, tem cavanhaque, com uma prancha debaixo do braço e com um discman escutando Metálica, ou seja, pessoa normal.”*

As mudanças na imagem de Deus

Na fase da adolescência pode iniciar-se um período de **mudanças** na imagem de Deus. A pesquisa de J. Fowler sobre o desenvolvimento da fé demonstrou que uma das características da adolescência é a possibilidade da mudança da imagem de Deus. No estágio 3 da fé sintético-convencional

destacam-se duas características: a identidade da pessoa é moldada pelos grupos nos quais a pessoa está integrada e o sistema de vida e de valores é tácito, ou seja, não examinado². Deus (mesmo sendo pessoal) e a fala sobre ele têm uma identidade grupal, ou seja, são definidos a partir daquilo que adolescentes aprenderam e ouviram falar na sua família, na sua comunidade de fé, no seu meio social. Num primeiro momento, a pessoa adolescente repete todo o sistema de vida, inclusive o religioso, a partir do discurso de pessoas e grupos que foram significativos na sua vida. Na adolescência também existe a possibilidade de avançar para o estágio seguinte, o da fé individuativo-reflexiva. A mudança requer uma nova postura: objetivar e examinar todo o sistema de vida herdado e isto inclui repensar conceitos sobre Deus e fé.

A necessidade (ou a possibilidade) de mudar a imagem de Deus, característica na fase da adolescência, pode ser percebida na fala de adolescentes. Há um discurso sobre Deus que foi ensinado, aprendido e herdado do grupo familiar e da comunidade de fé, ou transmitido por outras pessoas adultas e até aqui trouxe certeza e segurança. *“Deus é algo que todo mundo acredita. Que dizem nos ajudar e ouvir a todos sem nenhum tipo de preconceito.”* Este discurso, no entanto, começa a ser questionado: *“[...] fui ensinada a acreditar, mas será que ele realmente existe?”*. Para aquelas pessoas adolescentes que estão em fase de questionamentos sobre seu sistema de fé, as questões sobre Deus podem ser resumidas na palavra “dúvida”. Assim se posicionou um adolescente, quando perguntado sobre sua fé em Deus: *“Deus é, segundo a religião católica e evangélica, o ser superior. **Acredito em Deus, porque [...]** **Dúvidas.**”*

A dúvida de adolescentes se expressa em palavras como *“[...] fui ensinado desde criança, mas [...]”, “nunca ninguém provou o contrário [...]”,* ou podem ter um enfoque **pessoal**: *“[...] acredito até que alguém descubra que ele não existe, [...] eu acredito nele mas não sei se ele acredita em nós; [...] já deu provas, mas nunca vi ele para provar que existe; [...] a religião da minha escola ensina mas nunca aconteceu um milagre comigo; [...] fui criada para acreditar mas acontecem coisas que me fazem duvidar”*.

A pessoa, num primeiro momento, repete o discurso de seu grupo de fé, mas também experimenta uma articulação própria: Deus é *“alguém em que as pessoas acreditam, em que as pessoas pedem e agradecem as coisas”*. Acredito em Deus, *“porque meus pais acreditam e desde pe-*

2 FOWLER, James. **Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido.** São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1992. p. 138.

queno me ensinaram a acreditar nele também”. Como você imagina Deus? “Eu acho que Deus não seja exatamente uma pessoa poderosa, eu acho que há tempos atrás um cara que fazia o bem para todos foi chamado de Deus é assim até hoje.”

A **dúvida** a respeito de Deus também pode ser vinculada à questão da **criação**: *“Deus criou o mundo e as pessoas, mas nem tudo é bonito e perfeito no mundo; me ensinaram que sim mas como fica com a criação?”. Deus é “alguma coisa que não acredito”. Não acredito em Deus, porque “é muito improvável que ele exista, só ele aparecendo na minha frente para começar a acreditar, mesmo assim ainda terei dúvidas”. A dúvida, que sinaliza uma perda de segurança nas crenças que até aqui existiam e uma eventual disposição para mudanças, pode ser percebida quando adolescentes respondem que tanto acreditam como não acreditam em Deus: “Acredito em Deus porque fui ensinado a acreditar em Deus, porque nasci numa família cristã. Não acredito em Deus, porque a história da existência dele é mal contada, e também porque ninguém até hoje me provou que ele realmente existe”.*

Adolescentes começam a perceber as contradições e injustiças do seu meio social e se perguntam qual a relação entre aquilo que vêem e Deus: Deus é *“uma coisa que eu não acredito. Não acredito em Deus porque eu acho que a terra não foi criada por ele, mas sim que os seres vivos foram trazidos de outros planetas, assim a arca de Noé seria uma enorme nave-mãe. E as justiça quase nunca são feitas”. Deus é “um ser que muitas pessoas imaginam existir para se ter algo a acreditar, pois não se tem a realidade das coisas, não sabemos como morremos e muitas outras coisas sem definição concreta, por isso tiveram de criar algo superior para poderem ter um sustento”. Quando adolescentes criticam Deus e a Igreja, pode-se perguntar se este é um posicionamento próprio, fruto da sua reflexão, ou se repetem o discurso que ouviram de pessoas adultas: Deus é “*besteira, uma máquina de fazer dinheiro, [...] as Igrejas arrancam dinheiro das pessoas fazendo-as acreditar nessas crenças*”.*

Adolescentes podem ser críticos contra a Igreja, relacionando-a com Deus: *“[...] soluções dos problemas vieram do nada, o resto é história para atrair mais católicos; [...] ele me traz segurança ou fé quando estou com algum problema [...] mas ao longo da história, a igreja foi inventando coisas sobre ele a fim de obter lucro; [...] Deus é o pai de todos, a quem devemos tudo mas já existiram outros deuses desde a pré-história”.*

Adolescentes podem estar num estágio de pensamento autônomo, onde a reflexão a respeito de Deus é própria e não uma repetição de outros discursos: Deus é *“uma força maior, criadora, porém um pouco ausente (no sentido de ter mais o que fazer); o que quero dizer é que é Ele lá e nós aqui, Deus dá a vida, mas cabe a nós e somente a nós tomar conta dela”*. Acredito em Deus, porque *“é a única maneira de tudo existir, o universo não poderia simplesmente ter saído do nada”*. Não acredito em Deus, porque *“às vezes eu acho que Deus ‘abandonou’ parte da humanidade porque realmente não merecemos tê-lo; isso quer dizer que ele existe mas não intervém”*. *“Deus está morto e fomos nós que o matamos”* (Nietzsche). Como você imagina Deus? *“Não imagino, acho que isto está acima da concepção humana.”* Deus é *“um ser maior que observa tudo e todos e julga o que é certo ou errado. Não sei se ele existe, mas é muito provável que sim”*. Acredito em Deus, porque *“se formos tentar achar a origem das coisas pelo ceticismo, não chegaremos a conclusão nenhuma, sempre vai haver algo que surgiu antes, e esse algo deve ser Deus”*. Como você imagina Deus? *“É difícil de responder. Ele pode ser uma pessoa poderosa, mas concordar com isso seria falta de discernimento. Deus é algo (ou alguém) inexplicável, a mente humana nunca seria capaz de imaginá-lo. Mas creio que seja uma espécie de força ou energia presente em todos os seres, vivos ou não.”*

Uma outra mudança importante na fase da adolescência também está relacionada com a imagem de Deus. A figura antropomórfica dá lugar a **imagens indefinidas e abstratas**. As imagens indefinidas demonstram que há uma busca por outras imagens de Deus e as falas de adolescentes mostram como é difícil falar de Deus nessa fase: *“sei lá, não tenho idéia, cada pessoa fala uma coisa, não imagino apenas acredito, não imagino porque não acredito, não sei como é, nunca vi ele”*. As **imagens indefinidas**, citadas por adolescentes, foram *“alguém; ser que não pode ser visto; poderoso e superior; ser com muitas caras; ser grandioso, magnífico e alegre, como é mostrado nas fotos, em todos os lugares; está em cada pessoa; não tem forma; imagem forte; santo; sentimento; algo superior; sabe tudo da terra; as coisas boas; ser iluminado; num lugar calmo e bonito; ser puro, que faz justiça”*.

As **imagens abstratas** normalmente usadas são *“luz; luz branca; espírito; energia; centro de energia; aura de muita luz; alma; estrela que manda a força do bem para todos; luz superando a escuridão do universo; grande espírito que cuida”*. *“Eu imagino que Deus não seja humano. Acho que ele é diferente de todos os seres. Acho que ele é um espírito muito forte e poderoso.”*

As imagens de Deus, na adolescência, são tão variadas, diferentes e até contraditórias como é diferenciado todo o processo de crescimento, de desenvolvimento da fé e de amadurecimento nesta fase de vida do ser humano. As experiências, vivências, costumes, tradições, discursos e ritos religiosos das diferentes comunidades confessionais, a influência do meio social no qual a criança cresceu, os relacionamentos com pessoas significativas e a qualidade destes relacionamentos determinam a imagem de Deus e o modo como se articula a religiosidade, moldada na infância e trazida para a adolescência. Adolescentes tanto podem falar de Deus como um velhinho de barba branca, sentado numa nuvem, como de um Deus mais pessoal, mais amigo e companheiro, que pode dar orientação, ajuda e apoio, como também podem afirmar que Deus não existe. Tanto podem acreditar em Deus, porque ele salva, ajuda em todas as horas, como afirmar que não acreditam, porque nenhum pedido feito foi atendido ou porque tudo não passa de uma invenção humana. Essas constatações demonstram que a fase da adolescência é um período de mudanças, de busca por uma compreensão e experiência pessoais a respeito de Deus.

Considerações teológico-pedagógicas

As falas de adolescentes para a pergunta sobre Deus mostram uma diversidade de imagens: Deus distante, difuso, que inspira respeito e julga as pessoas; Deus todo-poderoso, criador de tudo que existe, pessoas e natureza; Deus pai, aquele que cuida, ajuda e ensina. A fala a respeito de Deus pode utilizar conceitos como “onipotente, onisciente, onipresente, eterno”, ou identificar Deus com Jesus Cristo (“o criador que morreu por nós”), ou ainda usar uma linguagem característica da adolescência ao falar de Deus como um “*cara tri-legal, amigo*”. Falar de Deus como “tudo” demonstra uma dificuldade para defini-lo concretamente (“*é tudo que existe, está em todas as pessoas*”), e acréscimos como “*é paz, amor, esperança [...]*” ainda o definem como uma imagem imprecisa e distante. Já a imagem de Deus como um pai retrata os relacionamentos que a pessoa teve com indivíduos adultos significativos.

Na fase da adolescência, importantes mudanças ocorrem na vida do ser humano, também na sua religiosidade. A teoria do desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget assinala que, até o início da adolescência, o ser humano ainda raciocina em termos de pensamento pré-formal. J.-M. Pohier, que no seu estudo sobre o pensamento religioso procurou aplicar o sistema de J. Piaget à fé, assinala que no pensamento pré-formal a criança define Deus como “Criador do universo, Senhor que o governa e Providência”, ou seja,

aquele que ajuda e faz o bem ao ser humano. No pensamento pré-formal, as imagens de Deus são antropomórficas e psíquico-morais, e o traço característico para imaginar Deus é o egocentrismo, isto é, mesmo que Deus seja imaginado como um Senhor onipotente, ainda assim ele está a serviço dos seres humanos e de suas necessidades. “Deus *serve* ao pensamento pré-formal”: “*Serve-lhe* para explicar a origem das coisas e seu govêrno [sic]. *Serve-lhe* para alcançar eventualmente, por intermédio de seu poder e de sua bondade, objetivos que lhe são benéficos”.³

Deus é o princípio que explica a criação e a organização do mundo. À medida que o raciocínio evolui e a pessoa consegue obter e entender outras explicações, como por exemplo as leis da física para organizar o mundo, Deus não é mais necessário, pois perde sua função: “Para o pensamento pré-formal, Deus é apenas um instrumento”, ou seja, não é um pensamento teocêntrico, mas antropocêntrico. Deus não é definido enquanto Deus, mas a partir das funções que o ser humano lhe atribui, ou seja, ele “*se serve* de Deus tanto para explicar a origem das coisas e sua natureza, como para organizá-las em seu próprio benefício”⁴.

Como é possível evoluir para outro pensamento a respeito de Deus? Para que isto aconteça, é necessário que Deus deixe de ser entendido a partir de sua função de criar o mundo e o governar, buscando o bem, e passe a ser definido como “*objeto* que tem consistência própria e, além de suas funções, se define por si mesmo”. Nesse caso, o pensamento do ser humano sobre Deus “só evolui na medida em que deixa de fazer as coisas girar em torno de si e de defini-las unicamente por sua relação com o sujeito”⁵.

As imagens antropomórficas de Deus, no entanto, não são as únicas usadas por adolescentes para definirem Deus. As imagens abstratas que começam a ser percebidas na fala de adolescentes mostram os diferentes graus de desenvolvimento na adolescência e apontam para possibilidades de mudanças que esta fase da vida representa para o ser humano. A teoria de J. Piaget sinaliza para o início da adolescência uma revolução no raciocínio humano, com a aquisição do pensamento formal, que possibilita pensar em formas abstratas. Imaginar Deus como um velho de barba branca, sentado numa nuvem é a figura infantil de Deus que ainda existe no imaginário

3 POHIER, J.-M. **Psicologia da inteligência e psicologia da fé: o sistema de Piaget aplicado à fé**. Trad. Francisco Catão. São Paulo: Herder, 1971. p. 246.

4 POHIER, 1971, p. 247.

5 POHIER, 1971, p. 248.

de adolescentes com 13, 14 ou 15 anos, mas a capacidade para pensar de forma abstrata potencializa o ser humano, nessa fase da sua vida, a buscar imagens abstratas para imaginar Deus. De que maneira pode o Ensino Religioso fomentar a mudança para uma imagem abstrata de Deus? Para J. Piaget, o meio social não tem condições de fomentar o aparecimento do pensamento formal, pois o ser humano não é “tábula rasa” que aceita passivamente o ensinamento, antes, esse deve ser elaborado e assimilado por cada indivíduo. Para que isso aconteça, é necessária uma maturação do sistema nervoso, que determina as possibilidades em cada fase do desenvolvimento. O ambiente social, por outro lado, é necessário para que essas potencialidades realmente possam acontecer. Há, portanto, uma interação entre a maturação do sistema nervoso e o ambiente social. Essa interação é denominada por J. Piaget de “processo circular”. Assim, o pensamento formal não é uma capacidade inata e pronta, mas um processo, que não é elaborado fora e acima do indivíduo, mas cada qual tem sua própria maneira de assimilar as experiências e se adaptar à realidade. Para o Ensino Religioso essa questão significa o desafio de conviver, num mesmo espaço, com diferentes níveis de desenvolvimento, não só cognitivo, mas também nas formas de expressar a religiosidade e falar de Deus; significa, por outro lado, ser um meio social que estimule o desenvolvimento para que alunos e alunas consigam expressar sua religiosidade de acordo com suas potencialidades.

As dúvidas de alunos e alunas a respeito de Deus sinalizam mudanças e um desenvolvimento da sua religiosidade. A teoria de J. Fowler sobre o desenvolvimento da fé afirma que no estágio 3 da fé sintético-convencional, o grupo tem uma grande influência sobre a personalidade do indivíduo, pelo fato de a autoridade se situar externamente à pessoa. Nessa fase, a pessoa confia em autoridades e instituições e está sintonizada com os grupos aos quais pertence. Essa situação se inverte quando se inicia a fase da transição para o estágio seguinte. Se antes o grupo escolhia a pessoa, no estágio 4 da fé individuativo-reflexiva é ela quem escolhe os grupos que, da melhor maneira possível, vêm ao encontro das escolhas, das ideologias, das crenças e do estilo de vida que ela mesma está escolhendo⁶. Inicia-se uma fase de mudança, de dúvidas, de questionamentos e de críticas em relação a Deus, à fé, aos grupos sociais, entre os quais a Igreja.

A fase de transição de um estágio para outro é caracterizada pela objetivação de todo o sistema de valores que até aqui era aceito e não contestado. Agora a pessoa vai examinar esse sistema e escolher seus va-

6 FOWLER, 1992, p. 132.

lores e aqueles grupos que estão de acordo com eles. O grupo religioso, a comunidade de fé faz parte deste sistema que é examinado. Assim, a fase da adolescência também pode ser o período em que as pessoas se questionam a respeito da sua religião: aquela religião, a da família, será também a escolhida por adolescentes e levada para a vida adulta? Os conceitos sobre Deus que adolescentes “ouviram” no seu grupo social e foram transmitidos por pessoas adultas significativas continuarão sendo aceitos ou se buscará novas formas de expressar a religiosidade? A adolescência, como uma fase de contestação a respeito da existência de Deus e de críticas contra a Igreja, é um período na vida em que o ser humano necessita duvidar e perguntar, contestar e experimentar.

E. Erikson, a partir da teoria psico-social do desenvolvimento da identidade do ser humano, denominou o período intermediário entre a infância e os compromissos da vida adulta de “moratória psico-social”. Moratória é um tempo de espera, mas não só de espera. É também um tempo de experimentar, de aventura e, muitas vezes, de delinqüência. O pedagogo alemão F. Schweitzer propõe esse mesmo conceito de “moratória” como característica para a religiosidade na fase da adolescência. Aceitar o fato de que, na adolescência, a pessoa pode experimentar também uma moratória religiosa significa uma adequação às exigências de um período de moratória, como um tempo de experimentação. As palavras-chave para moratória são “tolerância seletiva por parte da sociedade” e “atividade lúdica por parte do jovem”. Assim, o Ensino Religioso pode ser esse espaço onde se vive e experimenta uma “moratória” e, portanto, deveria ser menos “ensino” e mais “orientação” para as novas experiências que acontecem na vida de jovens⁷.

A influência dos diferentes contextos sociais, culturais e religiosos nos quais as pessoas estão inseridas e as respostas particulares que cada indivíduo dá aos estímulos e apelos desse contexto precisam ser levados em conta também no que se relaciona ao desenvolvimento da religiosidade na adolescência. Parece ser mais prudente falar em religiosidade de adolescentes e não em adolescência. Por outro lado, se aceita a tese da moratória religiosa, torna-se vital exercitar qualidades como tolerância, sensibilidade e abertura ao diálogo.

Como lidar com pessoas adolescentes no Ensino Religioso, que, mesmo estando numa mesma etapa da vida, se desenvolvem de maneira dife-

⁷ SCHWEITZER, Friedrich. **Die Suche nach eigenem Glaube**. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1996. p. 64-5.

renciada e apresentam níveis diferentes não só no seu desenvolvimento psíquico, biológico e cognitivo, mas também na sua religiosidade? Como lidar com as mudanças, as críticas e contestações, com a indiferença e com afirmações como “*Deus não existe*” ou “*fé é coisa de pessoas velhas porque os jovens não acreditam em Deus*”?

Em que medida o Ensino Religioso pode contribuir para o desenvolvimento da religiosidade de adolescentes, em direção a uma fé madura? O Ensino Religioso na escola pode ser um espaço privilegiado no qual alunos e alunas adolescentes têm a oportunidade de perguntar, de duvidar, de contestar; de aprender a se relacionar consigo mesmos, com os outros do seu meio social e com Deus.

Referências

FOWLER, James. **Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1992.

POHIER, J.-M. **Psicologia da inteligência e psicologia da fé: o sistema de Piaget aplicado à fé**. Trad. Francisco Catão. São Paulo: Herder, 1971.

SCHWEITZER, Friedrich. **Die Suche nach eigenem Glauben**. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1996.

STRECK, Gisela I. W. **Ensino religioso com adolescentes: em escolas confessionais luteranas da IECLB**. 2000. 337 f. Tese (Doutorado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2000.